



## Espectáculos da liberdade: o teatro abolicionista na cidade do Recife

Luana Beatriz Ferreira Lopes do Nascimento<sup>1</sup>

O teatro abolicionista foi uma das principais vias adotadas pelo movimento abolicionista brasileiro para ações de protesto e organização política. Através da apresentação de peças teatrais, poesias, músicas, discursos e cerimônias de manumissão, os espectadores eram conscientizados dos males da escravidão. Esses eventos, que aconteciam no Recife desde a década de 1870 (Castilho, 2016), tinham como objetivo sensibilizar a sociedade, socializar projetos antiescravistas e arrecadar fundos para libertações promovidas por associações abolicionistas.

Eram, geralmente, realizados em comemoração de marcos importantes para o movimento ou associações, marcos da história nacional e na passagem de companhias teatrais aliadas ao abolicionismo. Como a Companhia Julieta dos Santos, que chega à cidade em abril de 1884 com um repertório que incluía poesias e peças teatrais em favor da libertação dos escravizados. Como os dramas: A Filha da Escrava de Arthur Rocha; A Corja Opulenta, de Joaquim Nunes; e O Demônio Familiar, de José de Alencar. Seu diretor, Moreira de Vasconcelos, e demais membros possuíam vínculos com o movimento abolicionista fazendo parcerias com associações e dramaturgos aliados. A principal estrela da companhia, Julieta dos Santos, com então 11 anos, comoveu o público da cidade no papel das meninas escravizadas de A Corja Opulenta e A Filha da Escrava.

Esse tipo de manifestação incorporava diferentes atividades: performances artísticas, discursos, cerimônias de manumissão e campanhas de arrecadação. Tendo diferentes configurações como espetáculos teatrais, concertos, conferências e conferências-concerto. Esse modelo de manifestação política foi apropriado por abolicionistas de todo o Império e teve maior recorrência na década de 1880.

No período de 1884 a 1888, a cidade do Recife recebeu nos palcos do Teatro Santa Isabel, Teatro Santo Antonio e Teatro de Variedades da Cervejaria Nova Hamburgo, comemorações de grandes conquistas do movimento, companhias teatrais, atores amadores e as campanhas eleitorais abolicionistas de 1884, 1885 e 1887. Ações culturais, como essa, foram fundamentais para a mobilização e divulgação do abolicionismo (Alonso, 2015). Tais

<sup>1</sup> Mestranda em História Social da Cultura Regional pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)



## EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

atividades traziam um público ao movimento de fora do meio político, tornando o abolicionismo um movimento de caráter popular, agregando funcionários públicos, estudantes, comerciantes, mulheres, crianças, entre outros grupos. Esta, foi uma das estratégias mais significativas para a arrecadação de valores para a compra de cartas de alforria (Castilho e Cowling, 2013).

Os estudantes da Faculdade de Direito do Recife foram parte fundamental da mobilização abolicionista na cidade. Castilho (2016) afirma que o abolicionismo moldou as identidades políticas dos estudantes de direito a partir da geração de 1871 e possibilitou a formação de suas figuras públicas. Esses intelectuais foram responsáveis por radicalizar o debate público pelo fim da escravidão através dos processos de liberdade, publicações na imprensa, e discursos proferidos nas ruas e teatros.

As conferências que se apropriaram dos palcos da cidade tinham o intuito de divulgar projetos de abolição e conscientizar o público ouvinte para a causa. Quem ocupava o púlpito eram geralmente figuras políticas ou estudante da Faculdade de Direito do Recife que estavam construindo sua figura pública na sociedade recifense. Mas, não eram os únicos. Uma mulher, Maria Amélia de Queiroz<sup>2</sup>, membro da sociedade *Ave Libertas*, e um agricultor<sup>3</sup>, já ocuparam o púlpito abolicionista. A sociedade *Ave Libertas*, foi formada exclusivamente por mulheres e atuou na província de Pernambuco entre os anos de 1884 e 1888. Tendo o maior sucesso em número de libertações dentre as associações abolicionistas pernambucanas (Castilho, 2016; Leandro, 2023).<sup>4</sup>

O Teatro de Variedades era parte das instalações da Cervejaria Nova Hamburgo, que era um estabelecimento de má fama. Recebendo na Rua da Florentina ou João do Rego, na freguesia de Santo Antônio, estudantes, políticos, comerciantes, membros do exército e da polícia (Silva, 2011). Na mesma rua estava também localizado o Teatro Santo Antonio. Segundo, Costa (2013), nessa rua estavam alojados os negócios de estiva e olaria, bem como oficinas voltadas à formação desses ofícios. A freguesia de Santo Antônio abrigava a maioria dos prédios públicos da cidade, como o Palácio da Presidência da Província e o Teatro Santa Isabel. Em suas ruas largas e sem calçamento estavam o comércio de produtos importados

<sup>2</sup> Diário de Pernambuco, 23 set. 1887, p. 4.

<sup>3</sup> Diário de Pernambuco, 1 jul. 1887, p. 5.

<sup>4</sup> Ver: Leandro, Jacilene de Lima. *A Luta Abolicionista, A Ave Libertas e Uma Nova Geração Femina de Ativismo*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2023.



## EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

e a retalho, ateliês franceses igrejas, conventos, casas de um andar e sobrados (Silva, 2011). Inclusive, a sede de associações abolicionistas e jornais (Castilho, 2016). Com isso, podemos notar que as encenações e atividades nos teatros estavam inseridas numa geografia da política abolicionista.

O teatro Santa Isabel tinha localização privilegiada, na freguesia de Santo Antônio, ao lado do Palácio do Governo. O teatro público era o maior e mais elegante palco da cidade, construído como parte das reformas do Conde da Boa Vista, com o intuito de demonstrar a riqueza da capital (Arrais, 2017). Este palco recebeu o maior número de eventos teatrais abolicionista e os maiores, como a comemoração da abolição do Ceará<sup>5</sup> e do Império<sup>6</sup>. É provável que a escolha do Santa Isabel para os maiores eventos se deva à estratégia dos abolicionistas de se mostrar como um movimento ilustrado. Com a negação do teatro público para a realização de eventos abolicionistas em 1886, vemos o movimento recorrer aos palcos menos moralizados do Teatro de Variedades e Santo Antonio.

As modernizações da metade do século, como o comércio de luxo e a ampliação de atividades lúdicas, incentivam a burguesia recifense ao hábito de sair às ruas (Silva, 2011). Inovações como inauguração em 1867 do primeiro sistema de transportes urbanos sob trilhos, que facilitava a locomoção de quem circulava na cidade. E a iluminação a gás, inaugurada em 1859, propiciou o alargamento do horário noturno, permitindo o uso de novos locais de sociabilidade como cafés e teatros. Com essas inovações os espetáculos teatrais tornaram-se eventos populares, sendo aguardados com expectativa pelo teor artístico dos espetáculos e pela oportunidade de socialização. As mulheres podiam frequentar esse espaço acompanhadas por seus pais, maridos ou irmãos. E no caso abolicionista, também como conferencistas e as organizadoras da noite<sup>7</sup>. Durante os eventos poderiam ser encontradas no entorno do Teatro de Santa Isabel profissionais que ofereciam serviços de transporte, vendedores ambulantes e curiosos (Silva, 2011). Grupos de não-espectadores que tinham contato com as atividades promovidas dentro dos teatros ao ouvir ou participar das conversas dos espectadores. Além disso, nos maiores espetáculos, havia o alargamento do horário de bondes para transportar os regressos do evento.<sup>8</sup> Os abolicionistas também

<sup>5</sup> Jornal do Recife, 7 mar. 1884, p. 2.

<sup>6</sup> Diário de Pernambuco, 24 mai. 1888, p. 2.

<sup>7</sup> Jornal do Recife, 11 mar. 1885, p. 1.

<sup>8</sup> Jornal do Recife, 4 mai. 1884, p. 3.



## EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

ocupavam a praça e as ruas no entorno do Santa Isabel em passeatas<sup>9</sup> e bazares.<sup>10</sup>

Os teatros do Recife foram utilizados por abolicionistas como espaço para congregar e divulgar o ideal abolicionista. Por políticos, como Joaquim Nabuco e José Mariano, como plataforma de campanha eleitoral. Por artistas, como meio de sensibilizar a sociedade ao sofrimento dos escravizados e males da escravidão. Além de ser um espaço de comoção ao permitir que o público acompanhasse no palco a emoção de escravizados sendo libertos pela contribuição de associações e particulares. Ações que incentivavam as pessoas a participar e contribuir com o movimento abolicionista. Tornando, assim, o teatro um espaço importante para a conquista da abolição.

### Referências.

ALONSO, Ângela. **Flores, Votos e Balas: O movimento abolicionista brasileiro (1868-88)**. Companhia das Letras, São Paulo, 2015.

ARRAIS, Izabel C. P. de A. **Arquitetura do Espetáculo: um teatro para a província**. Cartema, n. 2, 2013.

CASTILHO, Celso Thomas. **Slave Emancipation and Transformations in Brazilian Political Citizenship**. University of Pittsburgh Press, Pittsburgh, 2016.

CASTILHO, Celso. COWLING, Camila. **Bancando a liberdade, popularizando a política: abolicionismo e fundos locais de emancipação na década de 1880 no Brasil**. Revista Afro-Ásia no.47, Salvador, 2013.

COSTA, Valéria Gomes. **Trajetórias negras: os libertos da Costa d'África no Recife (1846-1890)**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. História, 2013.

Leandro, Jacilene de Lima. **A Luta Abolicionista, A Ave Libertas e Uma Nova Geração Femina de Ativismo (1884-1888)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2023.

SILVA, Sandro Vasconcelos da. **O Costume da praça vai à Casa: As transformações urbanas e suas influências sobre os costumes da classe burguesa do Recife oitocentista (1830-1880)**. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Letras e Ciências Humanas, Recife, 2011.

Como citar: NASCIMENTO, Luana Beatriz Ferreira Lopes do. **Espetáculos da liberdade: o teatro abolicionista na cidade do Recife**. 2025. Disponível em: <https://lppe.uerj.br/emmemoriadaamericalatina>. Acesso em: 10 mai. 2025.

<sup>9</sup> Diário de Pernambuco, 12 mai. 1888, p. 2.

<sup>10</sup> Diário de Pernambuco, 26 jul. 1884, p. 2.